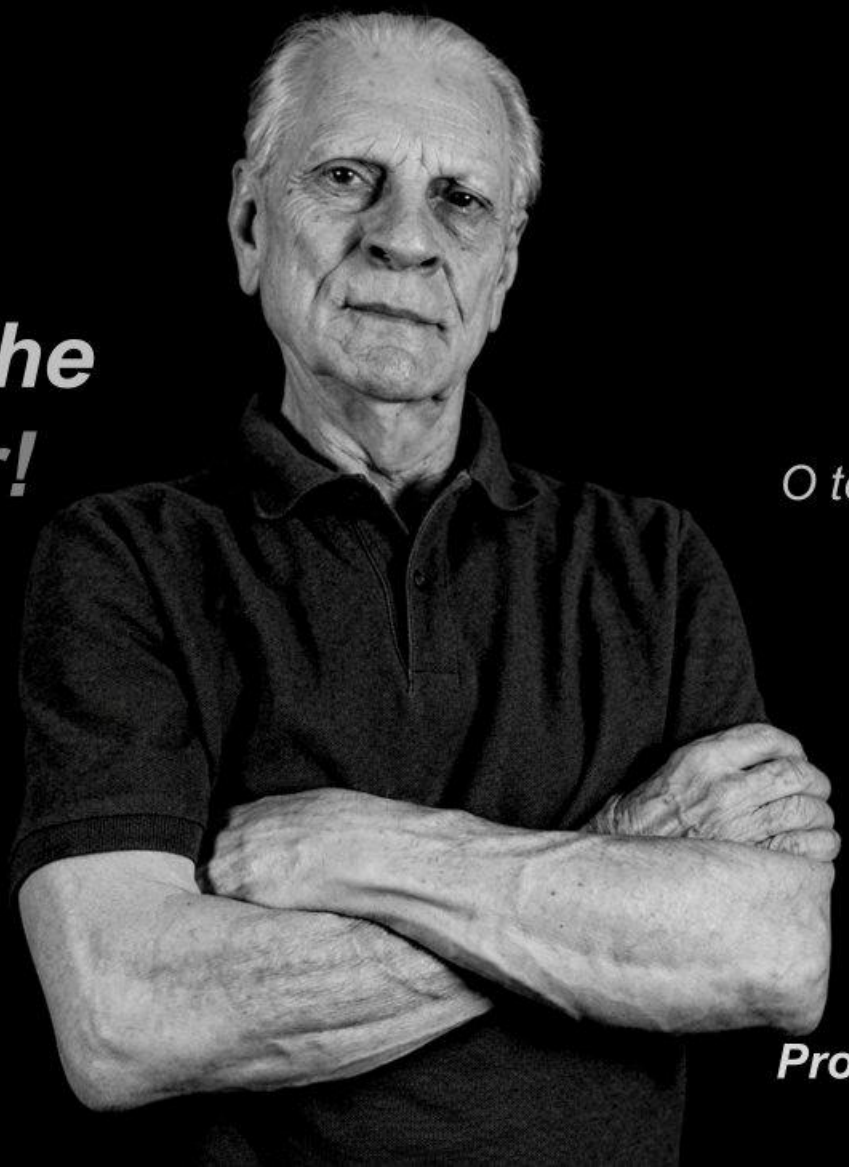
reflexões sobre
ARTE visual
V.7 N. 22 novembro 2026

Em Velhe Ser!



O tempo desenha mapas no corpo...

Professor Dr. ISAAC A. CAMARGO

ISSN **2764-1279**

Expediente:

Revista: Reflexões sobre Arte Visual

Publicação Atual e Anteriores:

https://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual/revista-reflexoes-sobre-arte-visual-2

Editor/Autor: Professor Doutor Isaac A. Camargo*

Dados sobre o autor – Plataforma Lattes:

http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790878E4

Edição: Vol.7, No.22, novembro 2026 – *Em Velhe Ser!*

Periodicidade: quinzenal

Capa: "Eu", Isaac, foto, 2026.

Campo Grande -MS

APRESENTAÇÃO

Os textos publicados nesta revista são autorais, resultam de investigações sobre o Ensino, sobre a Estética e de minhas proposições e produção artística. Adotam a forma de artigos, ensaios e crônicas que abordam a Arte Visual por meio de análises realizadas sobre períodos artísticos, movimentos, artistas, situações e acontecimentos no tempo e no espaço.

Os temas escolhidos dizem respeito à Arte Visual como fenômeno cultural e suas relações com o contexto social.

A revista *Reflexões sobre Arte Visual* é produzida, editada e publicada por mim. Os conteúdos aqui publicados têm a finalidade de difundir conhecimentos no campo da Arte Visual.

As reflexões daqui desenvolvidas refletem o ponto de vista do autor. Qualquer pessoa ou instituição que se sentir prejudicada em relação aos conteúdos, informações e imagens aqui apresentadas, devem entrar em contato: isaac_camargo@hotmail.com

** Isaac Antonio Camargo - Docente do Ensino Público Superior desde 1976 na área de Arte Visual nas instituições: UEL -Universidade Estadual de Londrina, UFU - Universidade Federal de Uberlândia, UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina e UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul até 2026.*

Trocar *Envelhecer* por *Em Velhe Ser!* De acordo com a língua portuguesa corresponde a uma *Decomposição Lexical,* criando um *Neologismo* que consiste em isolar pedaços de uma palavra como morfemas ou sílabas independentes para criar um novo sentido. Nesse caso o sentido não foi alterado, mas mantido e, apesar de uma outra grafia, mesmo que incorreta, possibilita a geração de outra carga semântica e emocional.

Contudo, buscar a ressignificação não é um pecado, dar um novo significado a algo é uma espécie de “jogo de palavras” admissível no contexto da Arte, o que é muito comum na *Poesia Concreta,* por exemplo, e mesmo na psicanálise lacaniana em que a divisão de palavras pode revelar sentidos do inconsciente. Nesse caso, quis apenas reforçar o peso biológico de “*envelhecer*” como um estado de transformação existencial entre o “*ser*” e o “*estar*”.

No mês que passou, enfrentei uma situação que colocou o envelhecimento em foco: minha aposentadoria compulsória do serviço público aos 75 anos. Devo dizer que isto me afetou por ser colocado numa situação de "*ser velho*", mesmo não me sentindo assim. Exerci a atividade docente no ensino superior por cinquenta anos e, no momento, não tenho qualquer limitação física ou intelectual que comprometa ou impeça a continuidade de meu exercício profissional.

Portanto, ser afastado do trabalho "sem justa causa", além de injusto, cria um estigma etário indelével, pois ficará marcado em meu prontuário de servidor. Como já disse no texto anterior "*Meu Último Dia do Professor*", basta me conformar, pois *dura lex sed lex*... Contudo, devo dizer que não me dou por vencido e, dependendo de minhas condições, não deixarei de manter minhas atividades, sejam familiares, no ensino e na Arte. Ou seja: *Ainda estou aqui* e pretendo continuar envelhecendo.

Pode-se dizer que *Ser* velho é algo irreversível, uma classificação permanente por conta da idade cronológica que define a categoria social como uma sentença ou rótulo na qual a pessoa é enquadrada pela faixa etária e jurídica. Uma espécie de identidade sem implicar em reconhecimento de valores como competência ou experiência, mas apenas a constatação biológica do tempo que viveu e isto, em alguns casos, se torna um estigma e, como tal, coloca as pessoas à margem da sociedade.

Por outro lado, *Estar* velho, é adotar/aceitar a ideia de velhice como circunstância, ou seja, uma característica de vida que, mesmo visível e sensível ao corpo, adota as transformações sem toma-las como limitações ou restrições absolutas. Nas condições físicas atuais, muitas pessoas são capazes de manter muitas das atividades e funcionalidades que sempre desenvolveram e, nesse caso, estar velho não implica nem significa um fim, mas um estado em que *estar* velho adia o *ser* velho.

Neste ano tive dois eventos que destacaram o envelhecimento: o primeiro foi o fato de minha mãe, Isaura, *estar* velha ao completar 100 anos de idade, isto me deixou muito feliz, pois comemorar o centenário de uma pessoa amada é algo muito especial. O segundo foi, como disse, o fato de ser aposentado compulsoriamente por ter atingido a marca dos 75 anos, portanto, penso que "*Estar velho*" não significa "*Ser velho*", aceitar o envelhecimento não é o mesmo que ser punido por conta dele.

Devo dizer que envelhecer não é algo que me afeta neste momento, pois já me acostumei às perdas decorrentes da passagem dos anos e da juventude, mas perder a identidade é algo que me incomoda muito. Ser marcado por uma condição natural equivale à perda de competência, logo, é discriminadora. Ter disposição para lidar com as mudanças é uma das estratégias indicadas para encarar o envelhecimento, um modo de compensar o que o corpo começa a negar.

O que me constrangeu de fato foi a aposentadoria *compulsória*. Já falei bastante disso no texto sobre *Meu último Dia do Professor*, publicado em 15 de outubro de 2026, justamente pelo fato de não me sentir, “ainda”, inepto nem cansado para exercer a função para a qual me preparei e realizei por tanto tempo, este é o aspecto deletério de uma legislação caduca. Obviamente muitas pessoas aguardam ansiosas pela aposentadoria por muitos motivos, em boa parte para terem o merecido descanso.

Contudo acredito que, nem todas, querem isto, este é o motivo de voltar a esse assunto e, ainda, o que isto tem a ver com Arte Visual? Pelo lado pessoal, nada, mas pelo lado sociocultural, tudo! Nestes últimos anos notei que muitos artistas longevos, internacionais e nacionais, mantiveram suas atividades até o fim da vida, isto reforça meu ponto de vista: a idade não é necessariamente uma limitação mas uma condição vivencial que, em muitos casos, não impede nem limita a atuação, ao contrário, a estimula.

No contexto internacional cabe homenagear alguns que deixaram este plano, acima dos 80 anos na última década:
Carmen Herrera (1915 a 2022): 106 anos, Pierre Soulages (1919 a 2022): 102 anos. Wayne Thiebaud (1920 a 2021): 101 anos Vera Molnár (1924 a 2023): 99 anos, Beverly Pepper (1922 a 2020): 97 anos, Etel Adnan (1925 a 2021): 96 anos, Robert Frank, fotógrafo (1924 a 2019): 94 anos.

Michael Snow (1928 a 2023): 94 anos. Daniel Spoerri (1930 a 2024): 94 anos. Faith Ringgold (1930 a 2024): 93 anos, Frank Auerbach (1931 a 2024): 93 anos. Fernando Botero (1932 a 2023): 91 anos. Ilya Kabakov (1933 a 2023): 89 anos, Sam Gilliam (1933 a 2022): 88 anos, Paula Rego (1935 a 2022): 87 anos, Frank Stella (1936 a 2024): 87 anos, Christo (1935 a 2020): 84 anos e Chuck Close (1940 a 2021): 81 anos.

No Brasil também é possível aferir esta mesma situação, vários nomes atuaram em arte até seus últimos dias:
Frans Krajcberg (1921 a 2017): 96 anos.
Abraham Palatnik (1928 a 2020): 92 anos.
Francisco Brennand (1927 a 2019): 92 anos.
Emanoel Araújo (1940 a-2022): 81 anos.
Sebastião Salgado, fotógrafo (1944 a 2025): 81 anos. A meu ver é tanto um exemplo como uma constatação.

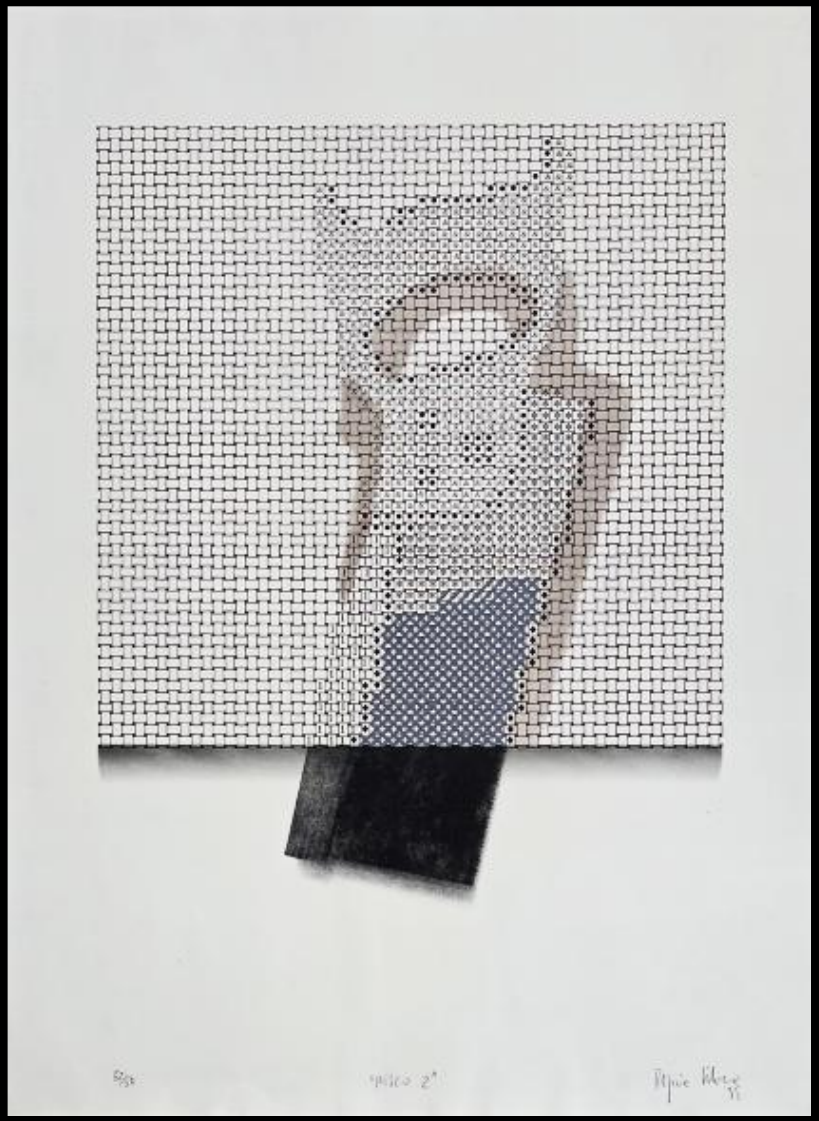
Mas vale a pena listar artistas ainda presentes na cena artística nacional na categoria do *Estar Velho* pois, embora tenham nascido nas primeiras décadas do século passado, permanecem ativos, atuantes e, por isso, merecem ser lembrados, reconhecidos e homenageados, já que esquecer parece ser mais fácil do que lembrar. Especialmente quando se trata de pessoas que atuam numa área tão "desconhecida" para grande parte da população.

Anna Bella Geiger, nasceu em 1933. Seu trabalho transita por processos, e técnicas como gravura, desenho, pintura, objetos, e investigações conceituais como Fotografia, Foto performance e Videoarte. Sua primeira exposição foi em 1950, no Salão Nacional de Belas Artes. Soma mais de 75 anos de trajetória. Em janeiro de 2026, estreou a escultura "*Typus Terra Incognita"* no Bosque das Artes, no Parque Bondinho Pão de Açúcar no Rio de Janeiro.

"Pier e Ocean", 1987

“Cais e Oceano com Bereshith e Lavatório”, 1998

Regina Silveira, nascida em 1939. Formada no Instituto de Artes da UFRGS, depois estudou pintura e gravura com Iberê Camargo. Mais tarde passa a atuar em Arte Conceitual. Em 2025 realizou uma mostra retrospectiva de sua produção em Barcelona. No Brasil, também em 2025, realizou a exposição "*Modus Operandi*", no Instituto de Arte Contemporânea (IAC), em São Paulo, mostrando os bastidores do seu processo criativo com maquetes, desenhos, representando mais de 50 anos de trabalho.



"*Risco 2*" 1999

“*To be continued*!”, América Latina, 1997.

Carlos Augusto Caminha Vergara dos Santos, Nasceu em 1941. Gravador, fotógrafo e pintor, um dos principais representantes do movimento artístico da Nova Figuração.

"*Rosto*"

“*Parênteses*”, instalação para o Projeto Maravilha

Anna Maria Maiolino, ítalo-brasileira, nascida em 1942. Gravadora, pintora, escultora, desenhista e artista multimídia Recebeu o Leão de Ouro pelo conjunto da obra na Bienal de Veneza de 2024; em maio de 2025, ao completar 80 anos, inaugurou a antologia "psssiiiuuu...", com cerca de 300 obras no Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo, Em junho de 2025, apresentou “Je suis là. Estou aqui”, sua primeira individual, com mais de cem obras no Musée Picasso-Paris. "Terra Poética", em março de 2026, no MAAT, em Lisboa, com obras de 1975 a 2025.

“*Glu, Glu, Glu*”, 1966

“*Je Suis Ià, Eu estou Aqui*” 2025

Claudio Tozzi, nascido em 1944. Arquiteto, pintor, desenhista e programador visual. Em 2025, a Galeria Marcelo Guarnieri apresentou, de março a maio, a mostra: "*É necessário que o capital não exceda a poesia*", com obras de 1968 a 2024. Em 2026, o Museu de Artes Visuais da Unicamp, Museu de Arte Contemporânea José Pancetti (MACC), promoveu "*Claudio Tozzi: Pós-imagem*".

“Bandido da Luz Vermelha”, 1967.

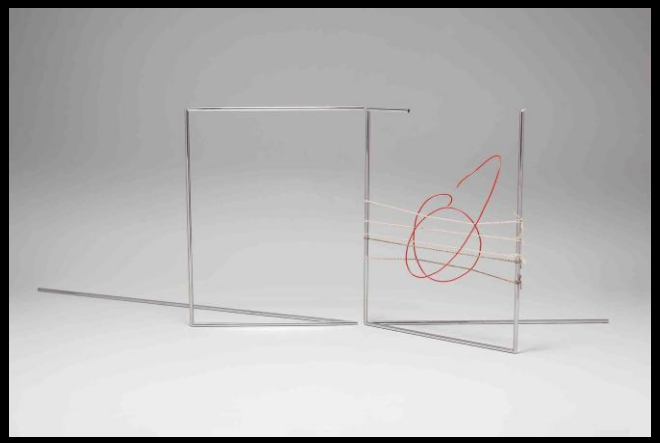
“*Coreografia*” 2021

Iole de Freitas, nasceu em 1945. Escultora, gravadora e artista multimídia. Em 2026, aos 80 anos, ela mostrou a série "*Noturnos",* abaixo: "*Sem pé nem Cabeça*", na Galeria Raquel Arnaud e já programou para 2027 uma mostra panorâmica no Rio, com curadoria de Sônia Salzstein.

"Colunas", 1994

"*Estudo para superfície e linha*", 2005

Waltercio Caldas Júnior, nasceu em 1946. Escultor, desenhista, artista gráfico, gravador, cenógrafo e figurinista. Em 1964 estuda pintura com Ivan Serpa, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM/RJ. A partir de 1969 realiza desenhos, objetos e fotografias de caráter conceitual. Abaixo: Mul.ti.plo.



Los Velázquez (1993/1994)

Cildo Meireles, nasceu em 1948. Escultor, pintor, artista conceitual, gravador, artista conceitual com instalações, e performances. Em 2025, apresentou "*Percurso e presença"*, na Anita Schwartz Galeria de Arte, uma homenagem ao artista que reúne desenhos das décadas de 1960 a 1980 e gravuras de 2009, com foco no papel do desenho na sua trajetória. Em outubro, a Galeria Cildo Meireles, no Inhotim, reabre ampliada e abriga permanentemente a mostra "*Missão/Missões: Como construir catedrais".*

"*Parla*" 1982.

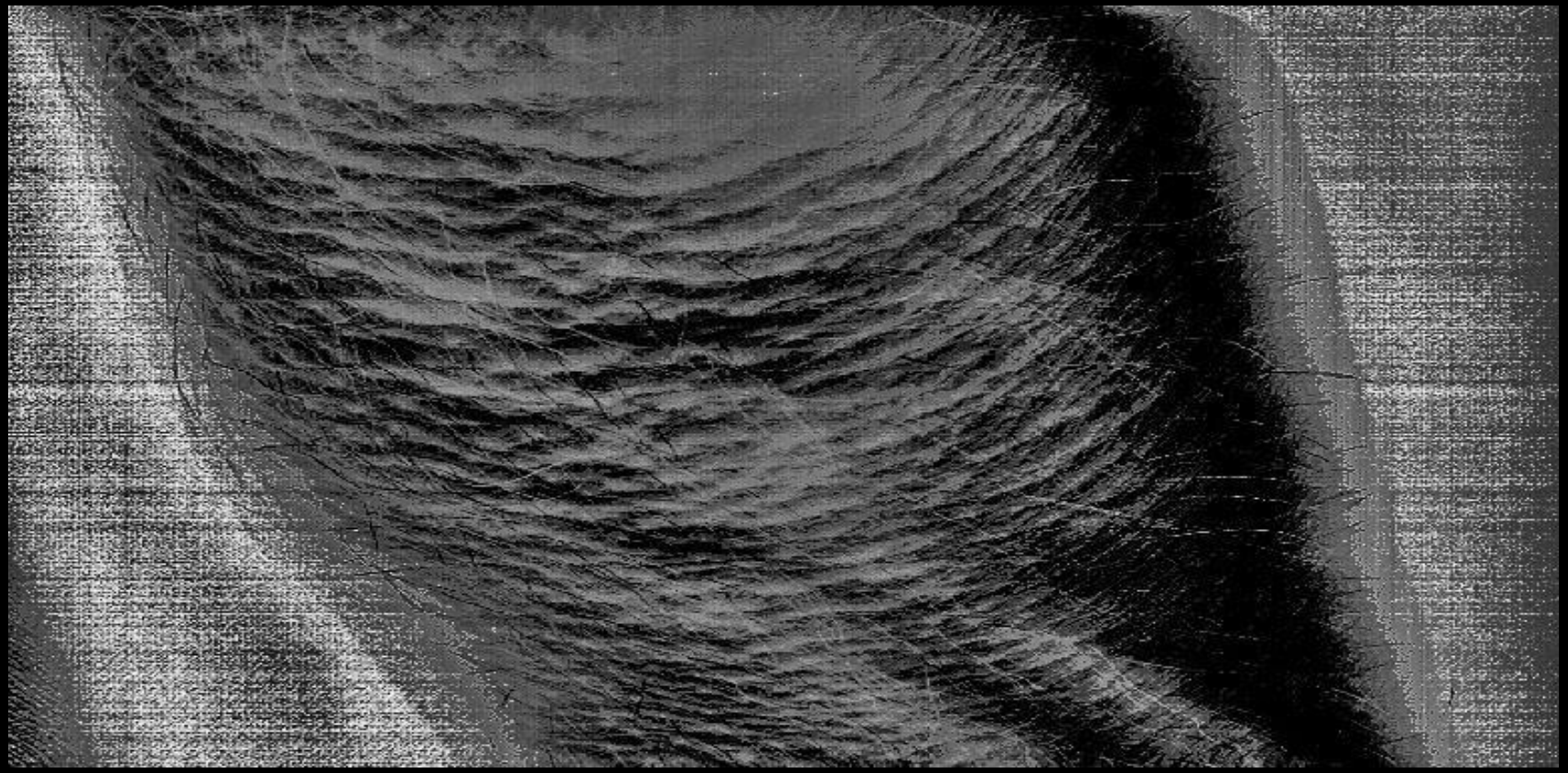
“*Desvio para o vermelho*”, 1984

Bem, até aqui “falei dos outros” no intuito de reforçar e também justificar minha posição neste momento. Em outubro, cumpri um “tríduo” pessoal nos dias 23, 24 e 25. Dia 23 abri uma mostra individual, no foyer do auditório do curso de Música da UFMS, em referência aos 50 anos de atividade no Ensino Superior e na Arte; dia 24 completei 75 anos e no 25 meu vínculo de servidor público na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, deixou de existir. Como se vê, três dias marcantes.

O tempo desenha mapas no corpo... Usei esta citação junto a minha foto na capa desta edição que não deixa dúvidas sobre o “passar do tempo”. Este é o resultado do viver. Não há como permanecer jovem a vida toda e, a meu ver, não querer envelhecer é o mesmo que não aceitar a vida como ela é. Esta visão não é radical, apenas um modo de aceitar o que não é possível negar, mas é possível agradecer por ter chegado até aqui e me posicionar, com a clareza que penso ter e aceitar a inexorabilidade do “destino”.

A ideia de que o *tempo desenha marcas no corpo* vem de uma lembrança de infância (lá vem história): numa ocasião, na rodoviária da cidade que cresci no interior de São Paulo, aguardando o ônibus, observei, na boleia de um deles, o motorista, um senhor idoso que apresentava face e pescoço bastante enrugados. Chamou minha atenção as texturas delas decorrentes, mas não me incomodaram, ao contrário, senti simpatia e admiração por ele.

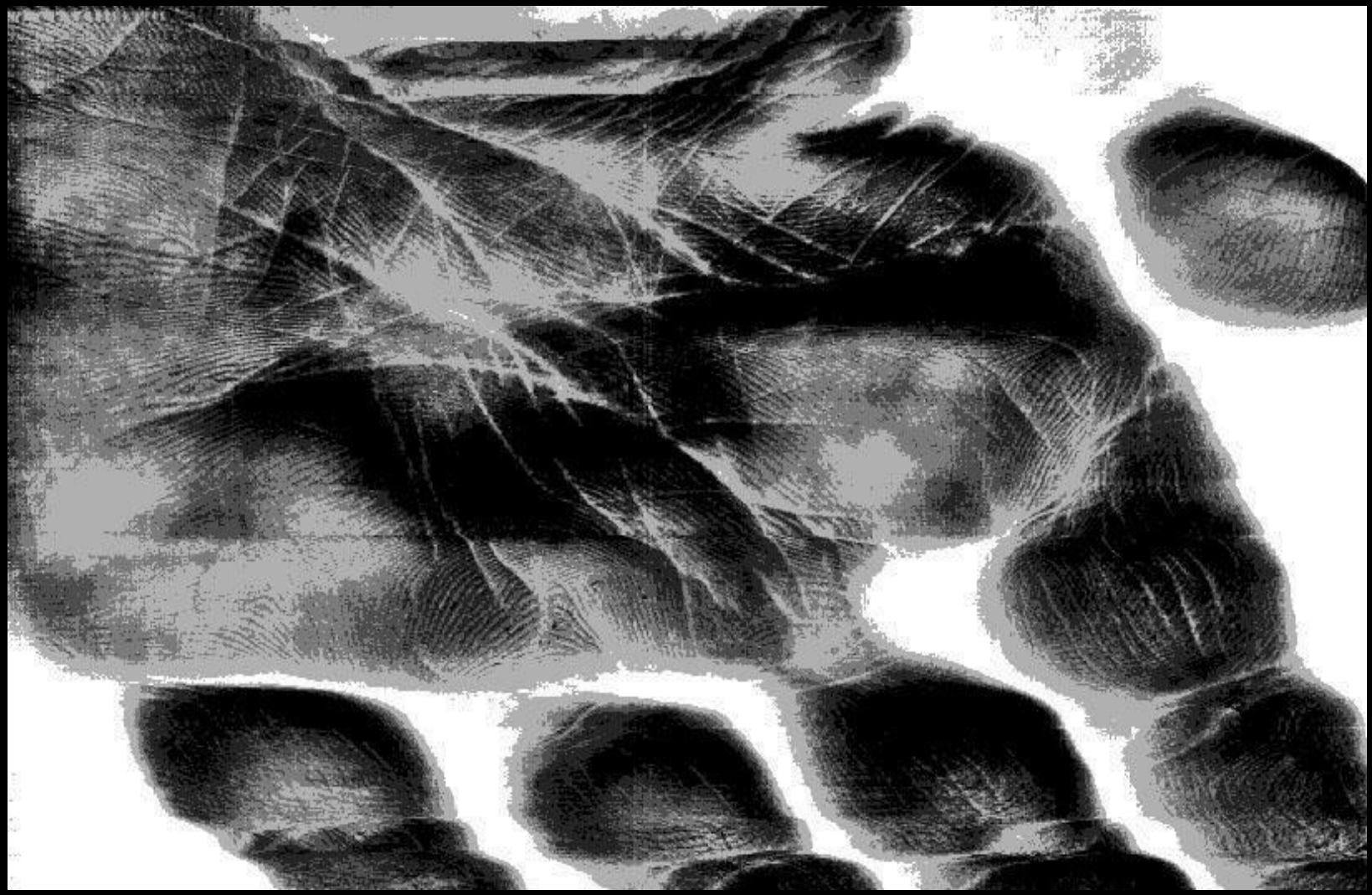
Isto me faz recorrer, novamente à memória e à uma série que realizei na década de 90, que chamei de *Scannimages*. A proposição partia do uso de um *scanner* de mão sobre a pele no intuito de registrar as texturas decorrentes do escaneamento da superfície do corpo e da distorção gerada pela irregularidade da pele e "*enrugamento*" provocado pelo tempo e pelo processo. Na ocasião, foram publicadas como ensaio no Jornal Cultural: Nicolau, da Secretaria de Cultura do Estado do Paraná.



Série Scannimages, *“Skin I”*

Série Scannimages, *“Skin II”*

Série Scannimages, *“Skin III”*



Série Scannimages, *“Skin IV”*

Série Scannimages, *“Skin V”*

Então... Penso que é necessário tomar consciência do “estado de coisas” que nos envolve e se posicionar em relação ao caminho percorrido. Este foi o motivo para realizar a mostra “*Percurso*” e marcar o final de um ciclo: os cinquenta anos de docência. Apresentar a revisão de minha trajetória profissional como professor, artista, pesquisador no contexto do ensino público superior é um modo de “prestar contas” às instituições e pessoas que me acompanharam neste processo.

Tudo tem história. Constato que, no percurso do envelhecimento, as pessoas começam a “*contar histórias*” percebi isso em familiares, amigos e conhecidos. É uma espécie de necessidade que surge “*de repente*” a partir de uma “*certa idade*”, meio indefinida, mas que acaba se tornando recorrente. Esta não é apenas uma constatação minha, por me ver assim em alguns momentos e, em geral, perceber que “falei demais” e me desculpar com os ouvintes incidentais...

Esta conduta foi identificada pelo psiquiatra Robert Butler, nos anos 1960, e conceituada como *Revisão de Vida* (*life review*). Ele constatou que, com o avanço da idade e a percepção de que o tempo de vida é cada vez menor, a mente tende, naturalmente, a se voltar para o passado e avaliar, organizar e buscar sentido no que foi vivido. Não é um sinal de declínio, mas um processo normal e até saudável de revisão que tende a “passar a limpo” e ressignificar as experiências e vivências.

Há também o lado sociocultural. Em muitas culturas, especialmente aquelas de tradição oral, os mais velhos são tidos como guardiões da memória coletiva e responsáveis por transmitir os saberes e valores contando histórias, portanto, para eles, contar histórias cumpre um papel importante na manutenção da identidade coletiva e, sob o olhar antropológico, é o modo de transmitir um legado social. É o que se vê nos mitos, crenças e memórias construídas pela humanidade.

No Brasil o livro da psicóloga Ecléa Bosi, “*Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos”* de 1979, resulta de uma pesquisa com idosos, na década de 1970. A partir de entrevistas realizadas com eles, transformou os depoimentos em narrativas escritas das memórias contadas em histórias de vida. Usou como referência dois autores: Henri Bergson e Maurice Halbwachs. Bergson fala de “*memória-hábito*” uma repetição recorrente e Halbwachs de “*memória imagem*” reminiscências singulares.

A meu ver, a melhor explicação é a de Halbwachs ao considerar que ela é social, composta de lembranças relacionadas a grupos, circunstâncias e situações como família, escola, igreja, classe, profissão e sustentadas pela existência destas condicionantes referenciais. Pode parecer que estou usando tais referências para justificar minha inclinação e tendência a “*contar histórias*”, mas... É isso mesmo. Volta e meia me vejo explorando a audição alheia.

Talvez, a decisão de criar o conjunto de publicações que venho realizando nos últimos anos: a revista *Reflexões sobre Arte Visual*, o *Podcast* com o mesmo nome, as publicações de *Crônicas em Arte Visual* e também *Arte Visual: em Processo,* tenham sido motivadas pela “Memória de Imagem” como explica Halbwachs. Só que, ao invés de relatos orais, optei por relatos escritos, cuja base ou origem é o meu percurso profissional no Ensino e na Arte, ambos parte de minhas vivências.

As vezes penso que tais publicações atendam apenas a um ritual editorial que criei para mim mesmo, mas ao aferir os indicadores do site, percebo que há muitas buscas, ou seja, há pessoas que as acessam. Se você chegou até aqui, provavelmente também chegou às mesmas conclusões que eu, não vou me desculpar, mas agradecer sua atenção e paciência por ter me acompanhado pois: *pessoas idosas se divertem contando histórias*...

… *em boa companhia*!

Esta foto foi feita na abertura de minha mostra “***Percurso***”, com estudantes que prestigiaram o evento e que, representam tantos outros que me acompanharam ao longo de meu caminho docente, aos quais sou grato.